

AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO: AS FRONTEIRAS ENTRE A REALIDADE E A REPRESENTAÇÃO

AUTOR: VICTOR REALI ANTUNES
ORIENTADOR: PROF DR. FRANCISCO ELINALDO TEIXEIRA
PIBIC - CNPQ

PALAVRAS CHAVES

Cinema, Documentário, Ficção, Roteiro, Montagem

INTRODUÇÃO

“Aquele Querido Mês de Agosto” de Miguel Gomes é um filme muito importante para entender como documentário e ficção podem se tornar muitas vezes indiscerníveis. Sua primeira cena já levanta uma questão que será primordial no filme, vemos uma raposa se aproximando de um galinheiro, a ausência de pessoas que possam interferir na situação evidenciam a eminência da morte das galinhas. No entanto, a própria imagem denuncia a situação, já que sua própria existência implica no registro de alguém presente no momento, apesar da tentativa de esconder o dispositivo, visando à transparência da imagem. Ao chegarmos à constatação da presença do cineasta, a veracidade da imagem se torna questionável, já que a situação pode ter sido manipulada pelo cineasta para criar essa tensão em uma possível batalha, e ao mesmo tempo sabemos que o cineasta poderia interferir nessa batalha se desejasse. No momento em que a raposa invade o galinheiro a cena é cortada, fica suspensa a dúvida se isso se deu devido a obscenidade da imagem, a intensidade que a imagem de diversas galinhas mortas poderia trazer, ou simplesmente para evitar realmente a morte delas, trazendo ambigüidade em relação à veracidade da imagem.

A proposta do filme está, portanto lançada, a veracidade da imagem estará sempre em cheque, dificultando o discernimento entre realidade e representação. O filme é basicamente dividido em dois núcleos, o primeiro mostra as preparações de uma equipe de produção para a realização de um longa-metragem de ficção, o segundo mostra a ficção em si. Didaticamente dividido dessa forma, à revelação do dispositivo, e à própria linguagem, somos induzidos a pensar que o primeiro núcleo se trata de um documentário, no entanto, o diretor brinca o tempo inteiro com a noção de realidade e representação, trazendo à tona uma metalinguagem muito interessante a ser discutida.



FIGURA 1: CENA INICIAL DO FILME AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO

METODOLOGIA

Os procedimentos utilizados em nosso estudo estão compreendidos em duas categorias metodológicas básicas: uma etapa de pesquisa bibliográfica e filmográfica, e outra de estudo de caso. O estudo trabalhou com essas metodologias a partir de um enfoque qualitativo e explanatório, buscando com suas análises aprofundar o enfoque na linguagem cinematográfica, o principal interesse de *Aquele Querido Mês de Agosto*. A pesquisa bibliográfica cerceou diversas áreas da linguagem cinematográfica e ocorreu através de livros, artigos científicos e em menor proporção em alguns websites de crítica cinematográfica. Foram usados como base da pesquisa os livros: *O discurso cinematográfico* (XAVIER, 2008), *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* (RAMOS, 2008), *O Cinema* (BAZIN, 1991) e o texto *Documentário Moderno* (TEIXEIRA, 2006). A pesquisa filmográfica foi realizada através do acervo da videoteca do Instituto de Artes da Unicamp, priorizando sempre o enfoque em estéticas cinematográficas variadas. Foram utilizados como base os filmes: *O Nascimento de uma Nação* (GRIFFITH, 1915), *Nanook, o esquimó* (FLAHERTY, 1922), *Valsa com Bashir* (FOLMAN, 2008), *Jaguar* (ROUCH, 1967), além do principal objeto de estudo: *Aquele querido Mês de Agosto* (GOMES, 2008).

BIBLIOGRAFIA

BAZIN, André. *O Cinema São Paulo*: Editora Brasiliense, 1991
RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?*. São Paulo: Editora Senac, 2008.
TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. *Documentário Moderno* in *História do Cinema Mundial* (org. Fernando Mascarello) Campinas: Editora Papyrus, 2006
XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. v. 1. 151 p.

FILMOGRAFIA

AQUELE QUERIDO MÊS DE AGOSTO. Dir. Miguel Gomes. Portugal. 2008
JAGUAR. Dir. Jean Rouch. França. 1967
NANOOK, O ESQUIMÓ. Dir. Robert J. Flaherty. EUA. 1922
O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO. Dir. David W. Griffith. EUA. 1915
VALSA COM BASHIR. Dir. Ari Folman. Israel. 2008

RESULTADOS

Em *Aquele Querido Mês de Agosto*, Miguel Gomes estabelece uma relação inovadora com a realidade, devido à mistura de linguagens, dentro da qual definições e conceitos herméticos de documentário e ficção já não se aplicam, se tornando rótulos vazios de significado. No entanto, podemos identificar no filme claramente alguns elementos estéticos que diferenciam os dois supostos gêneros. Pensar na montagem do filme de Miguel Gomes nos ajuda a perceber como as linguagens se articulam. No núcleo fictício do filme podemos observar cortes entre imagens que objetivam à continuidade de ação dos personagens (Figuras 2 e 3), característica clássica da linguagem fictícia, já que na ficção normalmente os planos são decupados um a um, visando a continuidade, e a criação de um ritmo.



FIGURAS 2 E 3 – A CONTINUIDADE ENTRE OS CORTES VISA O MESMO ESPAÇO-TEMPO

Já nos documentários, com a intenção de nos mostrar o imediatismo das imagens, e principalmente, a idéia de que nada que ocorre diante da câmera é planejado, o falso fetichismo de captar a realidade sem interferências do diretor, temos uma presença de longos planos sequências, e o corte entre planos nunca é motivado pela continuidade de ação de um personagem, como pretende o núcleo documental de *Aquele Querido Mês de Agosto*, os cortes normalmente priorizam a outro espaço-tempo que não o do plano anterior (Figuras 4 e 5).



FIGURAS 4 E 5 – A CONTINUIDADE ENTRE OS CORTES NÃO VISA O MESMO ESPAÇO-TEMPO

CONCLUSÃO

Ainda na montagem, a trilha sonora do filme possui um papel muito curioso, já que muitas vezes a música é mostrada como som diegético da cena e após o corte se torna um som over, mostrando um bom exemplo de como o documental e o fictício podem se misturar, ligando um fato do fictício com um som já usado no documentário, e trazer uma impressão de realidade maior do que nos gêneros fechados. A captação de som do filme tem seu dispositivo revelado duas vezes no filme, no qual vemos o som sendo captado, e ouvindo o que está sendo captado. Na primeira vez, ouvimos o som do vento sendo captado, e logo este vai se transformando em outros ruídos e berros, mostrando um som trabalhado além do simples som direto que observamos o microfonista captar, típico do cinema ficcional. Já na segunda vez ouvimos um som aparentemente diegético do ambiente que vemos, e vemos o diretor discutindo com o microfonista sobre isso. Voltando para a encenação, quando Miguel Gomes discute com o produtor que reclama de sua demora para escolher o ator, afirma “Eu não procuro atores, eu procuro pessoas”, ao mesmo tempo em que encena em frente a uma câmera, ao misturar a estética documentária ao ficcional, a realidade é tratada mais sutilmente, e a própria encenação é encarada como uma verdade no filme. Ao procurar pessoas e não atores, Miguel Gomes irá também diluir de certa forma o conceito de um personagem de um roteiro tradicional, até mesmo os protagonistas do núcleo fictício se diluem ao resto das pessoas (e personagens) do filme, e juntamente ao dispositivo revelado, o filme irá se virar de certa forma para ele mesmo, discutindo sutilmente os caminhos que o cinema pode traçar.